



GONÇALVES, Margareth de Almeida.
Império da fé: andarilhas da alma na era barroca
Rio de Janeiro: Rocco, 2005

Bruno Pinto de Albuquerque

Quando o leitor abre as páginas deste livro, pouco a pouco percebe que se encontra diante de um verdadeiro mapa, que pode iluminar alguns passos de sua viagem tortuosa através das trilhas barrocas do antigo Império português. Trata-se da publicação da tese de doutorado em Sociologia da historiadora Margareth de Almeida Gonçalves, que dedicou longos anos de estudo à historiografia da religião. Na apresentação do livro, a autora relata que, na pesquisa da documentação de conventos de mulheres que originaria a obra, chamava a sua atenção a abundância de material sobre a mística, enquanto uma forma de expressão vinculada ao mundo feminino (p. 9).

A obra mostra como, no contexto de uma aliança entre o movimento da Contrarreforma e o estilo do Barroco, o catolicismo lusitano acolhia e promovia grandes festas, que se difundiam tanto pela monarquia quanto pela Igreja, congregando diferentes setores da sociedade (p. 25). A tensão e o paradoxo de um período marcado por um “universo de contrastes” encontraram, na matriz católica, uma permeabilidade porosa: “A versão do catolicismo português foi marcada por elementos de extrema plasticidade, permitindo a aproximação com outros credos e culturas” (p. 29). Nesse tempo, o Barroco ibérico atualizou a concepção medieval de fidalgo, transmutando-o no ideal da vida de corte: “Percebe-se um transporte do bravo cavaleiro feudal para um cenário em que o seu lado guerreiro foi submetido a uma ortopedia social pelo autocontrole e a educação formal” (p. 33-34). Tanto o excesso transbordante da espiritualidade barroca, quanto os traços de nobreza, são realçados na vida das personagens do estudo em questão.

Somos convidados a enveredar, particularmente, pelos escritos que narram o itinerário espiritual de duas mulheres, freiras e andarilhas da alma. Cada uma delas habitava uma extremidade do ultramar português (Goa e Rio de Janeiro), sendo uma testemunha do esplendor da mística e a outra de seu crepúsculo (século XVI e século XVII). Entretanto, ambas expressavam uma vertente do catolicismo contrarreformista que procurava aliar ascetismo monástico, contemplação e atuação transformadora do mundo (p. 10). Movidas por um grande desejo de união com Deus, essas mulheres

representaram claramente uma série de traços de espiritualidade das místicas: “Uma exaltação da interioridade, que apresenta o sujeito como laboratório de viagens únicas e individuais, revela ainda uma linguagem no feminino, e elege os símbolos da mãe, noiva e esposa como expressões do amor a Deus” (p. 11).

Tanto Filipa da Trindade quanto Jacinta de São José são freiras que combinaram experiência contemplativa e ação, por meio da fundação de conventos de mulheres em terras de conquista, mas ambos os relatos “passaram à posteridade através da escrita de homens, cujas narrativas mostram uma interpretação masculina de experiências religiosas de mulheres” (p. 19). Não obstante ocupassem um lugar de poder, esses narradores não apenas defendiam os caminhos espirituais percorridos por essas mulheres, mas também os enalteciam e admiravam (p. 20). Mais adiante na obra, eles serão referidos de maneira encantadora: “Homens que falam de amor por meio de personagens mulheres” (p. 85).

É verdade que, no mundo lusófono, não se encontra uma expressão feminina de obra mística tal como em Santa Teresa de Ávila e Sórora Juana Inés de la Cruz, expoentes da manifestação barroca espanhola. Contudo, isto não significa que não seja possível encontrar relatos femininos significativos do universo conventual português. Na verdade, biografias religiosas escritas por mulheres formaram um gênero de narrativa que se difundiu nos séculos XVI e XVII em Portugal, apresentando “a constituição da contemplação mística como uma expressão discursiva de uma prática de vida em que o claustro é a afirmação de uma dimensão feminina da espiritualidade” (p. 52). Além disso, pode-se encontrar também relatos femininos que articulam a dor da perda de seus amados com a opção pela vida de clausura, tal como no caso de Sórora Violante do Céu, que entrou para o Convento da Rosa em Lisboa: “Os dramas amorosos femininos que findaram na clausura assinalam uma modalidade de narrativa dos tempos do Barroco português” (p. 52).

Com efeito, os espaços reclusos, como eram os conventos, sinalizavam um “modelo de socialização de mulheres que era repetido em terras geograficamente distantes, aproximando experiências”; deste modo, as narrativas sobre mulheres que escolheram a vida conventual desenham uma verdadeira “cartografia do feminino” daquele período, destacando a “importância da experiência mística na formação de uma identidade de mulher” (p. 54).

Conhecemos mais profundamente, em primeiro lugar, a história de Filipa da Trindade, essa viúva que, acompanhada de sua filha Maria de Sá, partiu de Tana, em 1604, para Goa, onde se tornaria a primeira priora do Real Mosteiro das Monicas. A vida religiosa desta mulher é narrada pelo Frei Agostinho de Santa Maria, da Ordem dos Agostinianos, que a elaborou a partir de um manuscrito de Frei Diogo de Santa Ana, confessor e diretor espiritual do convento. Os recortes selecionados desses relatos mostram a vida conventual cotidiana como um mosaico religioso multicolorido, que desdobra diante dos nossos olhos toda uma exuberância vital do mosteiro, em uma

cuidadosa tessitura. Tempos de oração individual, sonhos e interpretações, visões e vivências espirituais de luta contra os demônios em situações concretas, devoção carinhosa ao Menino Jesus, todas essas expressões testemunham a favor de um complexo itinerário místico e espiritual que essas mulheres percorriam no claustro.

Na sequência, somos convidados a passear pelos meandros da vida e da alma de Jacinta de São José. Filha de Maria e José, nasceu no Rio de Janeiro, no dia 5 de outubro de 1715, justamente aquele no qual se comemora a festa de Santa Teresa de Ávila, a reformadora que a inspiraria a dedicar a própria vida ao projeto de fundar um convento carmelita nas terras cariocas. Sua ascendência conjugava os ideais da época, que a faziam distinguir-se em condição de nobreza: ascendência branca portuguesa e pertença a uma família cristã virtuosa. Tornou-se uma mulher letrada, em um contexto em que era incomum que as mulheres tivessem qualquer acesso à atividade intelectual. Seus movimentos eram acompanhados pelas autoridades eclesiásticas, que intensificaram a supervisão sobre estados místicos a partir da Reforma Protestante, a qual criticava o ritualismo e defendia maior dedicação à oração e autonomia do fiel perante a hierarquia.

No alvorecer da modernidade, a mística gerava transformações nas formas de vivência da espiritualidade, em um movimento de interiorização. Com efeito, a Igreja pós-tridentina tendia a favorecer um afastamento do êxtase religioso. Segundo várias fontes, o conflito com a hierarquia foi o motivo central para as restrições ao projeto de Jacinta. A oração enquanto caminho de encontro com Deus seria assimilado por ela, quase um século e meio após as críticas de Lutero e Calvino, tornando-se também motivo de atrito com as autoridades eclesiásticas. Quando o Convento de Santa Teresa finalmente pôde ser fundado no Rio de Janeiro, sua mentora já tinha falecido.

Jacinta deixou registros próprios, no formato de contas ou cartas de consciência, em um contexto em que estas eram exigidas para aferir e testar a legitimidade de sua vocação religiosa. Além destes, outros documentos foram escritos pelos confessores a partir de sua fala. Assim, pode-se ler, em uma conta de consciência de 1747-1748, documentada no Arquivo do Convento de Santa Teresa, que, na solidão da oração, Jacinta entregou a própria vontade a Deus:

A que vos dei, como sendo minha, poderia acabar, se não vô-la desse; e a que tenho, como vossa, nunca me pode faltar, nem jamais me posso achar sem vontade para amar-vos, e sem vontade para dar-vos a que não tenho, tendo só a vossa por minha. E só vivo de vontade cheia agora, depois que acabastes a pequena que eu tinha, tendo a vossa infinita, santa e perfeita, por minha (p. 148).

Mesmo trabalhando com arquivos que testemunham movimentos tão íntimos da alma, a obra aqui resenhada prima por delinear os traços mais amplos da cultura, da sociedade, da política e da economia que reinavam na época em que viviam essas mulheres. Ambas conjugavam união mística e ativismo, em um contexto histórico propício para esta articulação: “No Ocidente, a religiosidade mística procurou enfatizar

a ação ativa, e assim o catolicismo tendeu a limitar uma ascese de fuga do mundo [...] especialmente a Igreja contra-reformista, que reforçou a combinação entre contemplação e ação ativa” (p. 133).

As vivências de Filipa e Jacinta encontram-se também no coração da experiência religiosa feminina, que se expandia no mundo católico desde o século XIII, oferecendo às mulheres também um espaço de proteção perante cenários desfavoráveis: “É importante destacar que a vida em conventos criou opções no reduzido campo de escolhas femininas, permitindo aliar uma relativa independência fora do domínio familiar ao acesso à experiência do espírito, em parte associada a uma certa liberdade do pensamento” (p. 132). Neste contexto, a vida conventual contribuía para transmitir um ideal de feminino que influenciava os projetos de vida destas mulheres.

Esta religiosidade feminina se diferenciava por uma “maior ênfase numa concepção penitencial de amor à divindade, no qual o corpo se fez depositário dessa oferta; um corpo mortificado foi a prova da dedicação ao divino” (p. 132). Assim, o campo da mística tendeu progressivamente a ser vinculado ao feminino, enquanto a teologia e a pregação foram consideradas tarefas masculinas. Desta forma, a autora sustenta a tese de que foi na busca insaciável pela união mística que o registro feminino se legitimou.

Apoiando-se em fontes historiográficas bem consolidadas, o trabalho é rico em fontes primárias e secundárias, além de recolher numerosas contribuições de pensadores de grande envergadura, dentre os quais se pode sublinhar o sociólogo Max Weber e sua compreensão da conexão entre a ética protestante e o espírito do capitalismo, assim como o filósofo Alexandre Koyré e sua investigação sobre a história das ciências.

Deste modo, a obra pode interessar a diversos campos de pesquisa, com destaque para os campos da história, da sociologia, da ciência da religião, da teologia, da psicologia e da psicanálise. De maneira particular, uma ênfase especial de recomendação pode ser indicada a quem se interessa pela história da vida religiosa, do feminino, das mulheres, da mística e da espiritualidade, particularmente no contexto lusófono, significativamente menos explorado nos estudos de mística do que outros, como o espanhol, o francês, o alemão e o holandês. Se podem ser percebidas certas imprecisões teológicas em alguns pontos do texto, deve-se recordar que ele é escrito a partir da área da sociologia da religião. Resta o convite a se aventurar pelas vias sinuosas dessas andarilhas da alma que, na era barroca, construíram seu próprio percurso no Império português da fé.



ISSN 2596-2922
DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.TeoP.2763-9762.2025v5n9r01

Bruno Pinto de Albuquerque

Graduando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: brunopintodealbuquerque@gmail.com

Recebido em: 26/12/2024
Aprovado em: 18/07/2025